

**MANIFESTO: “POR QUE O JORNALISMO AINDA É NECESSÁRIO?” - Turma de
jornalismo 2º semestre - Centro Universitário Barão de Mauá**

A verdade que nos sustenta: um chamado pelo Jornalismo que protege

Hoje em dia, vivemos em um tempo em que todo mundo fala, mas nem sempre alguém realmente escuta. As telas piscam, as opiniões explodem, e a cada segundo nasce uma nova “verdade” na qual corre solta pelas mãos de quem compartilha sem pensar. No meio desse turbilhão, nós tentamos respirar, entender o que de fato importa, o que é real e o que é só barulho.

É justamente nesse ponto em que o jornalismo se torna mais humano do que nunca. Ele não é só método: é cuidado. É o gesto de quem confere, pergunta de novo e só depois entrega uma informação que possa amparar, orientar e proteger. Em um país marcado por memórias de censura, feridas abertas e por batalhas diárias contra a desinformação, defender o jornalismo é defender as pessoas.

Este manifesto nasce desse lugar de afeto e responsabilidade. Ele nasce para lembrar que a democracia só floresce quando a verdade tem espaço para existir e quando a sociedade tem acesso a informações que não machucam, não manipulam e não enganam. Porque, no fim, o jornalismo é sobre pessoas. É sobre cuidar da forma como narramos o mundo e de como o mundo nos molda de volta.

“Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão”. Esse é o artigo 19 da Declaração dos Direitos Humanos adotada pela ONU no ano de 1948, ainda é recente na história, mas tem sua matriz ligada desde o iluminismo, onde os ideais de que a produção, a circulação e as informações são requisitos para o exercício pleno da cidadania e, por consequência, da democracia.

Hoje em dia, nós vivemos momentos difíceis em relação ao jornalismo, pois a democracia está em crise, o que é paradoxal, já que nesse momento todos têm

redes sociais e podem dar sua opinião e expor o que pensam. Então qual o motivo da crise da imprensa e da democracia?

No ano de 2025, a confiança da população no jornalismo brasileiro foi a menor da história. Segundo um relatório publicado no Digital News Report, do Reuters Institute, 42% das pessoas que possuem acesso à internet afirmaram que confiam nos noticiários formais como principal fonte de informação. Porém, esse número vem diminuindo gradativamente desde 2015. O fato desse número ser tão discrepante explica o porquê da imprensa e da democracia estarem em crise. O papel do jornalista é ser um mediador entre a notícia e o público. Essa mediação, segundo o filósofo Thomas Sowell, se refere ao papel do “intelectual ungido” (no qual seria o jornalista) que é ser o filtro do público em relação às informações. E, dessa forma, a opinião pública seria moldada. De primeira impressão, essa ideia pode soar como algo autoritário e enviesado, mas a cadeia de produção jornalística se define nos métodos de apuração, produção, revisão e, logo depois, tudo isso passa por um editor, no qual tem o papel de bater as informações e revisar o texto e seu conteúdo. Todo esse processo gera credibilidade à informação e à história contada.

A informação que chega ao leitor de modo informal pela internet ou aplicativos de mensagens tem o mesmo efeito de mediação de uma informação para a concepção de uma opinião pública, porém, em sua grande maioria, sem essa cadeia de apuração e revisão descrita anteriormente. E é dessa forma que entendemos o quanto importante é o papel do jornalismo e do profissional jornalista.

O jornalismo é credibilidade desde o início até o fim de sua cadeia produtiva. As pessoas estarem se informando por opiniões de CPFs que não estão ligados a nenhum CNPJ de mediação, apuração e distribuição de informações geram esse conflito em que vidas são ceifadas. Como por exemplo, o caso de Jéssica Canedo, uma jovem de 22 anos que tirou a própria vida após uma matéria falsa ter sido publicada por uma página de grande alcance em uma rede social.

A jovem estava sofrendo com sua saúde mental e, quando a página publicou uma matéria contendo prints de conversas com o humorista e influenciador

Whindersson Nunes, internautas vieram a atacá-la. Essa postagem repercutiu e os perfis da jovem foram inundados por mensagens de pressão psicológica e web bullying, no quais causaram o trágico falecimento dela. Esse é somente um exemplo do perigo no qual a falta da credibilidade jornalística causa na opinião pública geral.

A relação entre censura e autoritarismo acompanha toda a história política do país. Sempre que a liberdade pública diminui, a primeira área afetada é a circulação de informações. Isso ocorre porque quem controla o fluxo comunicacional também controla a percepção da sociedade sobre si mesma. Definir o que pode ser divulgado significa definir quais versões da realidade permanecem visíveis.

Durante a ditadura militar, esse mecanismo se tornou evidente. Redações foram monitoradas, telefonemas interceptados e textos sofreram cortes antes mesmo de chegar ao leitor. O caso de Vladimir Herzog, jornalista morto enquanto estava sob custódia do regime em 1975, evidenciou como o Estado utilizou versões oficiais para tentar encobrir violações. A tentativa de apresentar uma narrativa falsa mostrou que a censura não se limita ao silêncio imposto, mas também se manifesta na construção deliberada de interpretações convenientes ao poder.

Apesar desse cenário, diversas iniciativas de resistência surgiram ao longo do período. Circulavam jornais alternativos, boletins produzidos em ambientes estudantis e sindicais, e até edições com espaços em branco como forma de sinalizar a intervenção estatal. Esses recursos demonstram que, mesmo em momentos de forte repressão, parte da sociedade busca preservar a circulação de informações como forma de proteção coletiva.

Atualmente, as formas de censura e interferência comunicacional são diferentes, mas igualmente preocupantes. Algoritmos que reduzem o alcance de conteúdos, campanhas organizadas de desinformação e ataques direcionados a profissionais de imprensa enfraquecem o acesso público a informações confiáveis. A distorção deliberada de fatos cria um ambiente de confusão, onde versões fabricadas ganham espaço e dificultam a formação de opinião baseada em evidências.

Nesse contexto, a liberdade de expressão deve ser entendida como um fundamento democrático. Não se trata apenas do direito de emitir opiniões, mas da garantia de que a sociedade possa receber informações verificadas, contextualizadas e plurais. Sem essa base informacional, o debate público se fragmenta e o exercício da cidadania se torna limitado.

O jornalismo profissional tem justamente a função de sustentar essa base. A apuração cuidadosa, a verificação de dados e o compromisso ético com os fatos são elementos que asseguram credibilidade e protegem o público contra manipulações. Quando esse processo é enfraquecido, abre-se espaço para retrocessos que impactam diretamente a vida social e política.

Por isso, defender a liberdade da comunicação e a prática jornalística significa defender a qualidade da democracia. A compreensão dos casos históricos de censura, somada aos desafios informacionais atuais, reforça a necessidade de valorizar o jornalismo como instrumento de mediação, vigilância e garantia do direito coletivo à informação.

Atualmente vivemos mergulhados em um mar de informações. A cada minuto chega uma notificação nova, um vídeo, uma “notícia urgente”, um print, alguém dando opinião. Tudo isso misturado cria um barulho enorme. É tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que fica difícil separar o que é verdade do que é invenção. Muitas vezes, as pessoas acreditam e repassam conteúdos falsos sem nem perceber, e essa avalanche de informação acaba gerando medo, confusão e até mesmo conflitos. Esse é o ambiente perfeito para que as fake news se espalhem.

É por isso que o jornalismo profissional tem um papel tão importante. O jornalista não deduz, ele investiga, compara versões, verifica documentos, consulta especialistas e apenas depois de uma longa pesquisa, publica. É um trabalho que exige calma, responsabilidade e ética. Quando o jornalismo faz sua parte, ele protege, uma vez que, oferece uma notícia que alguém realmente pensou, pesquisou e confirmou. Em um tempo em que a pós-verdade faz muitas pessoas acreditarem mais em sentimentos, opiniões e boatos do que em fatos, o jornalismo

acaba funcionando como um ponto de equilíbrio, quase um farol no meio de tanta bagunça.

Mesmo assim, os desafios são enormes. A tecnologia evolui rápido e cria novas ferramentas que podem ser usadas tanto para informar quanto para enganar, como deep fotos e montagens que parecem reais. Além disso, as redes sociais priorizam aquilo que gera engajamento e, infelizmente, o que causa choque, ódio ou medo costuma se espalhar muito mais rápido do que a verdade. Do lado ético, os jornalistas enfrentam a pressão da rapidez: todo mundo quer publicar primeiro, mas isso nem sempre significa publicar certo. E tudo isso acontece enquanto a desconfiança do público cresce, já que muitas vezes não sabe mais em quem acreditar.

No final, combater a desinformação não é só função do jornalista. É um desafio que envolve tecnologia, educação, ética e responsabilidade coletiva. Mas quanto mais valorizarmos a informação séria, a checagem e o compromisso com a verdade, mais difícil será para que as fake news dominem a conversa pública.

Vivemos nos tempos de hoje, uma crise no aumento de informação. O mundo virou um grande barulho onde tudo soa igual: fato, boato, opinião, invenção. Como aponta Byung-Chul Han, a superinformação não esclarece, ela confunde.

Nesse cenário, a desinformação não é um erro inocente, é estratégia. É a pós-verdade tomando forma quando as emoções valem mais que os fatos. O terreno perfeito para manipulações e discursos que se espalham mais rápido do que qualquer evidência.

É nesse caos que o jornalismo profissional continua sendo uma das últimas linhas de defesa. Ele realiza o trabalho paciente de checar, comparar e confirmar. Kovach e Rosenstiel lembram que o jornalismo serve para dar aos cidadãos condições de decidir por si mesmos. Não é sobre perfeição, é sobre responsabilidade pública.

Os desafios só aumentam. As tecnologias criam vozes, rostos e histórias em segundos. Deep Fakes, bots e algoritmos priorizam o que provoca, não o que informa. Claire Wardle mostra que combater desinformação não é apagar “fake news”, mas entender como elas nascem e se espalham. Por isso este manifesto. Para reafirmar que a verdade importa. Para lembrar que checar não é censurar, é proteger. E para insistir que a tecnologia precisa caminhar junto da ética.

No fim, não é ter mais informação que nos mantenha lúcidos, é ter informação confiável. O resto é ruído.

A história da imprensa é a história de uma guerra perpétua pela verdade. Diante da atual saturação e manipulação da informação, o jornalismo não pode ser reativo, mas sim a vanguarda da resistência. A força de nosso ofício não reside na novidade, mas na solidez de seus princípios inegociáveis, forjados em séculos de luta.

A trajetória da imprensa não é uma linha contínua de progresso, mas uma luta constante pelo domínio da narrativa e da informação. Desde as primeiras folhas impressas até a era digital, a liberdade de imprensa tem sido o primeiro alvo de qualquer regime autoritário. O passado nos oferece a lição mais crucial: o jornalismo só se mantém forte quando é independente, e quando defende a liberdade de imprensa como um valor fundamental. É por isso que o jornalista atua como um guardião contra o autoritarismo e a censura.

A repressão histórica, evidenciada pela violência durante a ditadura militar em casos emblemáticos, como o de Vladimir Herzog, provou que a tentativa de silenciamento imposto à força é a tática primordial daqueles que buscam manipular a sociedade. Nossa compromisso hoje é prático: é urgente criar e apoiar espaços jornalísticos independentes e fortalecer leis que garantam a liberdade de expressão.

O jornalismo independente é a muralha que impede que aqueles que distorcem a informação e se beneficiam da censura atinjam seus objetivos. Defender a liberdade de imprensa é, portanto, o primeiro e mais vital ato de defesa da democracia.

A diferença entre jornalismo profissional e desinformação não se baseia apenas nas boas intenções, mas em métodos transparentes e responsáveis. Ao mesmo tempo que a desinformação age sem critérios verdadeiros, o jornalismo fundamenta-se em procedimentos que garantem que o conteúdo divulgado resulte de uma investigação detalhada e comprometida com o interesse público.

O compromisso com a verdade no jornalismo é principalmente investigativo. Ele precisa solicitar a análise das informações, confrontar versões e buscar provas que sustentem toda a afirmação. A verificação, seja de documentos, bancos de dados, especialistas ou testemunhas, não é uma fase extra, mas o suporte essencial dos jornalistas.

Dessa forma, a investigação de fatos se torna o centro da profissão. É por meio dela que a informação é transmitida ao público de maneira clara, contextualizada e isenta de interferências externas.

Ética e responsabilidade complementam esse conjunto de ações. Jornalistas lidam com consequências concretas, sociais, políticas e humanas, do que divulgam sem a devida verificação, e por isso devem seguir o código de ética, que caracteriza os comportamentos e assegura o respeito ao público. Ao contrário dos criadores de fake news e desinformação, que operam sem responsabilidade, o jornalismo profissional assume a autoria e se responsabiliza por ela.

A transparência do jornalista com o público resulta em credibilidade e confiança daqueles que estão lendo e acompanhando as notícias. Em tempos de dificuldade de confiança, é crucial destacar que o jornalismo não se fundamenta apenas em valores declarados, mas em métodos sólidos que evidenciam sua honestidade. A transparência, o rigor e a responsabilidade representam ferramentas que asseguram a diferenciação entre informações de qualidade e conteúdos manipuladores, preservando a responsabilidade social do jornalismo.

No presente, o jornalismo continua sendo um instrumento de democratização da informação. Ele rompe silêncios históricos, dá voz a quem nunca teve espaço e

combate a invisibilidade que molda e aprofunda desigualdades. Quando o jornalismo conta histórias que antes eram ignoradas, ele não apenas informa, ele repara, representa e amplia o mundo. Essa função social, esse compromisso com quem é deixado de lado, torna o jornalismo insubstituível.

Mas cumprir essa missão exige acompanhar as transformações tecnológicas do nosso tempo. As plataformas digitais aceleram a circulação de informações e redesenharam a forma como o público consome notícias. O desafio, então, não é resistir às mudanças, mas incorporá-las de maneira responsável. Inovar sem trair valores. Usar a tecnologia para ampliar o alcance, informar com rapidez e eficiência e chegar a novos públicos, nunca para substituir o rigor, a ética ou a função cívica da profissão. A adaptação tecnológica, quando guiada pelo compromisso social, não enfraquece o jornalismo, fortalece sua relevância.

Por isso, o papel do jornalismo na sociedade atual é decisivo. Ele garante o acesso democrático à informação e sustenta o exercício pleno da cidadania. É através dele que a sociedade fiscaliza o poder, entende a realidade e se reconhece como parte ativa da democracia. Sem jornalismo, o debate público empobrece, e sem informação de qualidade, a democracia se fragiliza.

Concluímos, assim, que o futuro do jornalismo não depende apenas das novas ferramentas, mas da forma como elas são usadas. A tecnologia muda, mas o compromisso social permanece. E é nessa permanência que o jornalismo encontra sua força: na defesa da democracia, na ampliação das vozes e na construção de um espaço público mais justo e plural.

Enquanto houver sociedade, haverá a necessidade urgente de um jornalismo responsável, humano e inovador.

O jornalismo é a ferramenta indispensável para atravessar o turbilhão da desinformação, garantindo a cidadania e sustentando a democracia. Ele não é perfeito, mas ainda é o sistema mais confiável para apurar e contextualizar a realidade. É crucial refletir sobre a importância de apoiar o jornalismo de qualidade

hoje. Seu valor reside em sua utilidade pública e em seu compromisso com o método.

Atualmente, o jornalismo se sustenta na defesa da cidadania, no combate à desinformação e no compromisso histórico de informar com responsabilidade. Em um cenário marcado por ruído, pós-verdade e disputas pelo controle narrativo, ele permanece como o método mais seguro para apurar, contextualizar e proteger a democracia. Diante desse turbilhão, refletir sobre o valor do jornalismo de qualidade é essencial para garantir uma sociedade consciente e verdadeiramente livre. Porque, no fim, informar não é apenas um ato profissional, é um ato de resistência.

Ao mesmo tempo, o jornalismo garante cidadania, combate a desinformação e mantém vivo seu compromisso com a verdade. É a força que atravessa o caos informatacional, preserva a democracia e reafirma sua responsabilidade social.

No campo jornalístico, os principais eixos têm como objetivo orientar a produção de conteúdos: o eixo informativo, o interpretativo e o opinativo.

Quanto ao eixo informativo, o foco é relatar, com objetividade e imparcialidade, os fatos, informando o leitor sobre os acontecimentos da atualidade e respondendo às perguntas básicas: quem? O quê? Onde? Quando? Como? Por quê? Aqui, o jornalista não expressa sua opinião pessoal, como em notas, notícias e boletins de agências.

Já o eixo interpretativo tem como foco central a interpretação e contextualização dos fatos. O jornalista aprofunda os acontecimentos e explica causas, consequências e o contexto envolvido, mantendo uma abordagem equilibrada e analítica com base em fatos e fontes. Ele aparece em reportagens, entrevistas, análises e enquetes.

Quando a desinformação tenta se impor como regra, o jornalismo surge como resistência, iluminando o que é real e lembrando que uma sociedade livre só existe quando há compromisso com a verdade e com a apuração séria e responsável.